

REGISTROS DIÁRIOS: O DIÁRIO DO CORONEL MANOEL LUCAS DE OLIVEIRA

FRANCISCA CARLA SANTOS FERRER*

RESUMO

Este artigo se propõe apresentar e discutir o cotidiano¹ e as práticas sociais no Rio Grande do Sul, durante o período da Guerra do Paraguai, mas precisamente no ano de 1865, a partir dos registros pessoais do diário do Coronel Manoel Lucas de Oliveira. O diário do Coronel Manoel Lucas de Oliveira apresenta indícios que “remontam” seu mundo, sua vida familiar, suas relações de parentesco, amizade, atividades econômicas, políticas, militares, sua auto-representação enquanto ex-combatente farrapo e estancieiro, retratando assim diferentes e vastas leituras do social.

PALAVRAS-CHAVE: Diários, Guerra do Paraguai, Rio Grande do Sul

ABSTRACT

This study is aimed to present and discuss the daily and social practices in Rio Grande do Sul during the War of the Triple Alliance in 1865, based on the personal writings of Coronel Manoel Lucas de Oliveira, whose diary gives indications that reassemble his world, family life, relationships, friendship, economic, political and military activities, in addition to his self-representation as an ex-combatant and a farmer, depicting different social readings.

KEY-WORDS: Diaries, War of the Triple Alliance, Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

O diário no século XIX era produzido com maior frequência por homens – “não que a produção feminina fosse insignificante, mas sua escrita ‘culturalmente’ era realizada em menor escala e era vista como

* Doutoranda em História Social – USP

¹ Conforme Maria Odila Leite da Silva Dias, em “Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea” (1998), o conceito de cotidiano implica contradição com a idéia, que para muitos, significa uma idéia de rotina, de lazer, de fatos encadeados num plano de continuidade, campo de necessidade e repetição. Para a autora o conceito sugere, antes, mudança, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser.

uma tentativa de ‘cópia’ do eu que se confundia com a própria vida; era parte da identidade e da construção auto-referencial” (VIÑAO, 2000: 13)², era uma obra em processo, que dependia dos rumos que a vida fosse tomando.

Diferentemente do “romance, que cria um mundo ficcional, e de uma autobiografia, que olha para trás a partir de um ponto fixo, o diário representa um tempo presente contínuo que acompanha uma história de vida imprevisível e imponderável” (FERREIRA, 1998, p. 7).

A noção de indivíduo foi definida segundo a concepção geral que mantém até hoje, a partir do momento em que ocorreu a cisão da esfera pública da privada. Um longo processo iniciado no século das Luzes, e ainda em curso, estabeleceu – ou antes, reconheceu – a autonomia do sujeito: todos os homens, seres dotados de razão, eram iguais entre si e possuíam liberdade de escolha.

Daí se estabeleceu uma realidade na qual a tradição não mais demarcou as identidades e os papéis sociais. “O homem moderno deixou de ocupar um lugar preestabelecido na sociedade, cuja identidade não mais se submeteu a uma lógica coletiva, é, a princípio, ‘ninguém’” (PEREIRA, 2000, p. 78). Esse é sujeito/ indivíduo ao mesmo tempo distinto e constitutivo do todo social, e, como tal, deve construir para si uma identidade singular. Esse tipo de literatura começou a se fortalecer e ser definida enquanto gênero, desde o momento em que a sociedade burguesa se estabeleceu, no século XVIII.

Segundo Machado, a escrita diária e íntima sempre foi escassa na nossa sociedade, diferente da popularidade alcançada pelo gênero na Europa ocidental e nos Estados Unidos do século XIX. Ou seja, o diário enquanto documento tornou-se uma fonte rara na História do Brasil Império, pois

Foi apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise, que a sociedade brasileira viu vulgarizar-se a escrita enquanto gênero, o que por si só justificaria a transcrição, anotações e divulgação do diário de um indivíduo da segunda metade do século XIX (MACHADO, 1998, p. 20-21).

Nesse sentido, o diário enquanto objeto de estudo tem um sabor especial para o historiador, pois ao registrar mudanças de temperamento e de observação, revela impressões que só a escrita imediata poderia efetuar.

Esses relatos enquanto narrativas pessoais interessam aos pesquisadores não somente como histórias individuais, mas como

² Entendemos escrita auto-referencial, enquanto o escrito de um sujeito social que se move em dois planos, o pessoal/ privado e o exterior/ público, conforme Antonio Viñao (2000:13).

representações do que foi vivido, sentido e lembrado. Seguindo tal perspectiva, o diário possibilita ao estudioso compreender uma determinada interpretação da sociedade e seu tempo histórico, já que o autor é parte constitutiva do real, conseqüentemente, representante e sujeito de uma sociedade de época.

O que passa a interessar ao historiador é a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de descrever o que realmente houve, mas de contar o que o autor disse que viu, sentiu e experimentou em relação a um acontecimento. Segundo Ângela de Castro Gomes (2004), o diário é um tipo de discurso que produz uma espécie de excesso do sentido do real pelo vivido, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela linguagem intimista que mobiliza.

Sobre pesquisas realizadas no Brasil, a partir do estudo de diários como objeto de estudo, podemos evidenciar o trabalho de Maria Helena P.T. Machado, que abordou o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães, enquanto um rico documento histórico capaz de desvendar

o processo de constituição de uma individualidade adequada à modernidade do *fin de siècle* e seus desafios, exemplificando acima de tudo a tensão das elites brasileiras que, com base na vivência da realidade colonial, tinham que enfrentar as pressões de um mundo em rápida transformação (MACHADO, 2005: 42).

Com base nessa citação, podemos chamar atenção a um aspecto importante para a análise do diário, que é a discussão do seu caráter privado. Os diários até o início do século XX eram caracterizados por seu aspecto intimista e privado. O objetivo dessa escrita diária era recordar experiências, aliviar tensões, permitir o auto-exame, relatar grandes acontecimentos, exaltar qualidades e valores, estimular o aprimoramento pessoal e demonstrar capacidade de autocontrole.

Nesse sentido, destacamos nas reflexões íntimas e diárias de Couto de Magalhães duas questões principais que Maria Helena Machado apontou. A autora apresentou, em primeiro lugar, discussões relacionadas à saúde e aos cuidados médicos, e em segundo, a sexualidade e as atividades sexuais, que ora aparecem explícitas, ora camufladas por uma escrita Tupi, em que o diarista buscou artifícios a fim de mascarar seus relatos de foro mais íntimo.

O diário de Couto de Magalhães se aproxima dos relatos do Coronel Manuel Lucas de Oliveira. Ambos apresentam pensamentos, reflexões, relacionamentos pessoais, atividades econômicas de um sujeito social inserido em um contexto histórico de tensas e rápidas transformações de seu tempo. Ao mesmo tempo que esses diários se

aproximam, também há um distanciamento significativo entre os dois.

Couto de Magalhães escreveu e se firmou em uma linguagem íntima que expressa a descoberta da sexualidade, individualidade e homossexualidade. Manuel Lucas utilizou uma escrita pessoal, em que podemos encontrar aspectos da vida familiar, não só da família nuclear (marido, mulher e filhos), mas também da família extensa, envolvendo sogros, cunhadas, irmãs, primos e amigos. Assim, podemos entender as distinções na linguagem textual, que apontam para diferentes abordagens e discussões.

A obra *André Rebouças, diário da Guerra do Paraguai (1866)* é apresentada por Maria Odila Silva Leite, composta por uma introdução sobre as principais questões abordadas pelo diarista no campo de batalha e notas explicativas no decorrer da transcrição do diário. Essa obra, diferentemente do diário íntimo de Couto de Magalhães, não trata de uma escritura íntima, mas sim das agruras da guerra, as experiências no campo de batalha, direcionada para um pensamento político e militar.

André Rebouças, ao representar em seus escritos diários o cotidiano do teatro de operações na Guerra da Tríplice Aliança, no qual estava inserido, nos revela uma resignificação diferente, da mesma campanha militar que o Coronel Manuel Lucas apresenta, crítica e reflete. O evento histórico, a guerra, é um ponto comum, mas as diferenças e particularidades dos sujeitos e do lugar social em que ambos estão inseridos apresentam diferentes representações e práticas sociais.

É relevante para esta discussão entendermos que os livros *Diário Íntimo de Couto de Magalhães* e *André Rebouças, diário da Guerra do Paraguai* foram publicados na íntegra, contendo referências explicativas e apresentações ricas que contextualizam o período histórico dos diaristas. Porém essas obras não têm a pretensão de eleger o diário enquanto objeto de pesquisa e desenvolver, portanto, um trabalho acadêmico, conforme estamos propondo neste artigo a partir dos registros cotidianos do Coronel Manuel Lucas de Oliveira.

O livro *Escrita de si, escrita da história*, de Ângela de Castro Gomes, apresenta uma introdução que discute assuntos teóricos e metodológicos sobre diários, biografias, correspondências, memórias, que foram temas abordados por diferentes autores no decorrer da obra. Na primeira parte do livro constam artigos voltados para figuras de intelectuais, a maioria desses trabalhos enfocando as correspondências. Na segunda, gênero e política são os temas abordados. Nessa parte encontramos o artigo “A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo”, de Ana Maria Mauad e Mariana Muaze, um estudo do cotidiano da aristocracia cafeicultora no Vale do

Paraíba, no período imperial. Nesse artigo as autoras apresentam aspectos relevantes e similares ao nosso ensaio, como a utilização de correspondências pessoais, inventários, recortes de jornais e relatos de viajantes para possibilitar a compreensão dos registros cotidianos, contexto histórico e a construção da auto-representação do diarista.

O livro *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*, organizado por Ana Chrystina Venâncio Mignot, Maria Helena Câmara Bastos e Maria Tereza Santos Cunha, reúne textos que discutem a utilização da escrita autobiográfica na história da educação brasileira. O diferencial dessa obra é que a mesma perpassa os muros da educação ao estabelecer contato e troca de conhecimentos com a história, sociologia e psicanálise, contribuindo com múltiplas perspectivas teóricas e metodológicas para a compreensão da escrita de si.

É importante ressaltarmos o embasamento teórico e metodológico das obras de Peter Gay, Roger Chartier, Jean Hébrard, Emanuel Ladurie, Pierre Bourdieu, Phillipe Lejeune e Nora Catelli. No entanto, neste momento optamos por pontuar apenas determinados estudos relevantes sobre diários no Brasil, mais precisamente no século XIX.

De acordo com o acima exposto, podemos inferir que o trabalho com diários no Brasil ainda é um tema novo na historiografia. Nesse sentido, a proposta deste artigo sobre o diário de Manoel Lucas de Oliveira adquire relevância, devido à “raridade” desse tipo de documento do século XIX.

O caderno diário de Manoel Lucas é repleto de seus sentimentos, normas, valores, revoltas, idéias, aspirações e pensamentos. Esse relato diário apresenta indícios que remontam o mundo, vida familiar, relações de parentesco, amizade e atividades econômicas, políticas e militares de um sujeito histórico.

A fim de apreendermos as relações sociais que permeavam a vida desse sul-rio-grandense e o cotidiano a que “pertencia”, é importante pensarmos: Quem era este diarista? Qual sua história de vida? Em que contexto social estava inserido? Como ocorriam suas relações pessoais? O que o motivou a escrever sobre seu cotidiano? Sobre quais assuntos redigiu? Para quem estava narrando?

Tais questionamentos nos possibilitam verificar o “eu” narrador desse estancieiro e entendermos sua percepção e interpretação do “real”, que foi experimentado, sentido e pensado.

Conforme Maria Helena P.T. Machado, para compreendermos um diário, é importante

questionarmos, mesmo para os casos dos diários mais íntimos e pessoais, o problema do destinatário/leitor. Pois, no fim das contas, toda

a escrita pressupõe um leitor. Imaginário ou real, muitas vezes o leitor-alvo do escritor de diários é ele próprio, o autor, colocado num ponto qualquer do futuro e numa instância crítica mais apurada. **Recuperar o todo, refazer um percurso de vida, alcançando-a em seu conjunto e sentido** (MACHADO, 1998: 45 – grifo nosso).

2. APRESENTAÇÃO DO DIÁRIO

Manoel Lucas de Oliveira registrou suas percepções, inquietações, preocupações, interesses e desilusões, em sua pequena “carteira” preta³, comprada na cidade de Porto Alegre, no dia 15 de setembro de 1864, com sua “tinta feita em Porto Alegre pelo jovem João Salvatory, de louça dourada, com um casal de bonecos na frente” (OLIVEIRA, 1865: 56).

Ao abrir a capa dura do diário de Manuel Lucas (1865: 5), logo nos deparamos com os seguintes registros escritos na contracapa:

Decreto nº 3.371, de 7 de janeiro de 1865, que cria corpos para o serviço da guerra em circunstâncias extraordinárias com a denominação de Voluntários da Pátria e estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficam competido.

Vapor Brasil a 21 para o Rio.

Dois pares de botinas e um lenço de mão

Um chapeuzinho para o Gabriel

Um xale de lã preto ou capinha grossa

Uma peneira fina e arroz

Comprei esta carteira na cidade de Porto Alegre, no dia 15 de setembro de 1864.

Assinado (Manuel Lucas de Oliveira)

Podemos perceber diante desses apontamentos a apresentação de três informações distintas: a primeira indica o número, dia e ano do decreto que criou os Corpos de Voluntários da Pátria, mencionando a lei que fixava vantagens aos espontâneos participantes da guerra. A segunda apresenta uma lista de compras pessoais e a terceira assinala onde e quando Manoel Lucas comprou sua carteira e iniciou suas reflexões.

Um questionamento importante pode ser feito a partir desses registros, pois nessa caderneta em que o coronel escreveu sobre a Lei dos Voluntários da Pátria, de 7 de janeiro de 1865, ele marca a compra da carteira em 15 de setembro de 1864.

Ao interpretarmos tais registros, podemos entender que esses não foram escritos conjuntamente, havendo assim uma diferença temporal, pois, quando o diarista comprou a caderneta, nem havia sido

³ O diário de Manuel Lucas de Oliveira consta de um ano de anotações, em 154 páginas.

ainda decretada a Lei dos Corpos de Voluntários da Pátria. Dessa forma, podemos inferir que os escritos da contracapa aparecem enquanto “lembretes” importantes para o diarista, pois “o objetivo prático desse tipo de registros era desenvolver estratégias cotidianas que impedissem o esquecimento e garantissem o controle da informação” (MAUAD; MUAZE, 2004: 198).

É necessário que se tenha o cuidado de procurar ler e compreender, muitas vezes nas entrelinhas, o que está sendo apresentado pelo diário, pois é importante vasculhar entre as palavras o evento narrado, mesmo quando explícito, como neste caso da contracapa, ou implícitos, como no decorrer das páginas viradas. Muitas vezes, nos silêncios ou falhas de registro, podemos adentrar em importantes aspectos, capazes de “desvendar” ou assinalar inúmeras indagações relevantes à pesquisa.

O diário do Coronel Manuel Lucas de Oliveira inicia com a frase “Apontamentos mais importantes”, sob a qual o diarista escreveu informações sobre diferentes datas como: os dias em que redigiu correspondências e para quem as enviou; notícias políticas; notas de viagens; lembranças sobre sua esposa – “adorada Inês” – e dados a respeito de uma carta recebida em 12 de outubro de 1864, do General Neto. Nessa carta, o General e amigo Neto solicitava ajuda para reunir voluntários para a Guerra do Paraguai, já que, ao início do conflito, o Exército brasileiro não possuía efetivo pronto para a luta. Assim, o Império, diante da necessidade de organizar uma força profissional para defender a Pátria, passou a conclamar a população a participar do conflito bélico.

Tal correspondência foi respondida por Manuel Lucas, praticamente um mês depois, no dia 2 de novembro de 1864. Nesse expediente, o diarista escreveu que, se o Império não fornecesse o lugar merecido a ele na linha do Exército, devido a sua antiguidade e aptidões militares, que o governo esperasse apenas pela sua ajuda em alma, sem seus voluntários. Conforme essa atitude do Coronel, podemos entender as estratégias de sociabilidade e convivência permeadas em um cotidiano de profunda tensão e luta continuada para adquirir e manter privilégios políticos e econômicos.

Após essas anotações importantes, Manuel escreveu sobre o dia 1º de dezembro de 1864, tecendo comentários críticos sobre a guerra e o comando do Exército pelo “inábil Propício”⁴.

⁴ O “inábil Propício” a que Manuel Lucas se refere é o Marechal-de-Campo João Propício Mena Barreto, que era sul-rio-grandense, porém tinha lutado contra os farroupilhas, ao lado do Império, sendo nomeado, após a Revolução Farroupilha, coronel honorário do Exército pelos serviços prestados na Província do Rio Grande do Sul. Para Manuel Lucas

Após trinta dias, em 1º de janeiro de 1865, é que Manuel Lucas iniciou seus registros diários, apresentados da seguinte maneira:

Dia 1º de janeiro do ano do criador do universo de 1865

O que teremos de ver este ano? Só Deus sabe... Parte dos Atores estão em cena, os mais não podem já demorar a conhecerem-se, e então farei **minha idéia sobre os resultados da presente guerra** (1865, p. 5 – grifo nosso).

No registro supracitado, Manuel Lucas explicita sua pretensão em travar uma escrita reflexiva e crítica sobre os acontecimentos da guerra deflagrada havia pouco tempo. Nesse primeiro momento de sua “obra” podemos apreender o descontentamento, denúncias, irritabilidade e desaprovação sobre o conflito.

A partir desse dia Lucas de Oliveira passou a escrever diariamente sobre a Guerra da Tríplice Aliança, que era acompanhada, preferencialmente, pelo jornal *Echo do Sul*⁵ e pelas conversas com amigos que recebiam notícias do *front*, e diferentes assuntos e costumes que permeavam seu dia-a-dia, como: sua família, parentes, amigos, casamentos, mortes, nascimentos, doenças, aniversários, boas e más notícias, festas, religião, condições climáticas⁶ e espaço-território.

De apenas espectador da guerra, Manoel Lucas modificou sua posição a partir do dia 31 de janeiro de 1865, quando enviou por intermédio do General Caldwell um requerimento ao Governo Imperial, solicitando a permissão para organizar, baseado nas vantagens previstas no Decreto 3.371, de 7 de janeiro de 1865, dois Corpos de Voluntários da Pátria⁷.

Apesar de seu primeiro pedido ter sido atendido em 31 de janeiro de 1865, apenas em 17 de julho do mesmo ano é que o Ministro da Guerra enviou a aceitação da sua solicitação, tornando-o Tenente-Coronel dos Corpos de Voluntários por ele organizados.

Segundo as observações do próprio diarista, essa demora

era inaceitável que um homem com raízes rio-grandenses, pudesse ter lutado contra seus “compatriotas” a favor dos legalistas (FLORES, 1996: 45).

⁵ O jornal *Echo do Sul* era liberal e pertencia a um amigo de Manuel Lucas.

⁶ Ao folhearmos as reflexões diárias de Manuel Lucas encontramos uma preocupação constante com as condições climáticas, fator presente em suas decisões de cunho econômico e militar, pois o clima instável daquela região, os ventos fortes e as chuvas torrenciais, tornavam o terreno alagadiço e encharcado, de difícil locomoção, além de interferir na lida com o gado.

⁷ Estes dois Corpos eram compostos por oito companhias cada um e propunha o Coronel ainda serem empregados neles e no Estado Maior, oficiais “reformados” que existiam nos municípios de Pelotas, Jaguarão, Canguçu e Piratini, pedindo assim, o comando desta Força por ele organizada.

ocorreu por ser composto o Ministério Furtado⁸ em quase sua maioria por conservadores. A partir do dia em que esse ministério caiu (11.05.1865) e com a ascensão do “lado liberal com Saldanha Marinho, que adquiriu a maioria na Câmara”, além da nomeação de Osório, antigo amigo de lutas naquela província, como Comandante-em-Chefe à Guerra, seu pedido para reunir-se às Forças Terrestres do Brasil foi aceito.

Além das anotações sobre a guerra e seu esforço em reunir voluntários para constituir os dois Corpos de Voluntários da Pátria, o autor do diário escreveu com bastante ênfase sobre seus familiares, parentes, amigos e empregados referindo-se a eles como “minha adorada Inês”, “o meu Marcelino” (filho), “respeitável avó”, “minha afilhada”, “mano Valério”, “tio José Correia”, “primo Juca”, “meu parente Baltazar Pereira”, “o crioulo João”, “viúva do finado Lima”.

Manuel Lucas em suas anotações enfoca também a administração e economia da estância, a qual constou possuir gados para o charque, uma caleira e plantações, onde trabalhavam homens livres⁹, como foi redigido no dia 6 de junho de 1865, quando o estancieiro realizou um cálculo sobre as despesas e rendimentos da caleira:

À noite ocupei-me a fazer um cálculo sobre as despesas e rendimentos que pode ter a Caleira em um ano, fazendo duas fornadas de dois em dois meses, e achei pode dar livre de despesas, a todos juntos = 4.788 patações¹⁰, e a cada um dos três, 1.596. Trabalhando com 4 peões bons e efetivos, dando a cada um para o etape meio patação diário e de salário, dez patações por mês (OLIVEIRA, 1865: 86).

Conforme essas anotações, podemos identificar aqueles que tinham alguma relação com Manuel Lucas, tanto os que viviam no Rio Grande do Sul, como os amigos da Corte com quem se correspondia.

Tais anotações são relevantes para pesquisa, pois através das referências das pessoas que faziam parte da sua rede social é possível mapearmos documentos, como correspondências que se relacionam com o diário, de forma a aumentarmos a “colcha de retalhos” sobre o *habitus* do referido personagem.

O Coronel em suas anotações também deixa transparecer a sua atenção para com a imprensa, pois o diarista fazia questão de acompanhar diariamente os jornais, como *Echo do Sul* e o *Diario do Rio*

⁸ O Gabinete presidido por Francisco José Furtado, como Ministro da Justiça, durou de 31.08.1864 a 06.03.1881.

⁹ Podemos observar no transcorrer do diário a ausência de referências da figura de escravos em sua estância, o que se confirma em seu inventário.

¹⁰ Uma pataca equivalia a trezentos e vinte réis.

Grande, além de escrever nos mesmos, ou ser notícia nesses periódicos, aspecto este que o deixava orgulhoso, como demonstrou no dia 14 de dezembro de 1865: “À tarde Chegou o João Ely, de Pelotas, e mostrou o *Echo* e o *Diario*, que tratam de minha marcha e dos Voluntários de Pelotas, o que é magnífico!” (OLIVEIRA, 1865: 12).

Assim, podemos pensar sobre sua relação com o jornal em seu sentido público¹¹ e pesquisarmos quais as notícias que Manuel Lucas escreveu e o que foi escrito sobre ele, relacionando as matérias com a vida e a sociedade do diarista.

Constam nas três últimas folhas e na capa da carteira as seguintes anotações: três poemas (sobre amor); um pequeno lembrete¹²; das doações de 360\$ réis de Bernardino e 426\$000 de carretas fornecido pelo Capitão Serafim, estando estes últimos escritos na capa da caderneta, e treze nomes de homens dispostos a servir em seu 2º Corpo de Cavalaria de Voluntários da Pátria¹³.

De acordo com Almeida, Manuel Lucas de Oliveira deixou a guerra desgostoso com o Comandante-em-Chefe do Segundo Corpo do Exército Brasileiro e com o Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Visconde da Boa Vista¹⁴:

Não sendo, entretanto, reconhecido como comandante e nem os oficiais que nomeara aceitos, o altivo piratinense se desgostou, recolhendo-se à vida privada, limitando-se, apenas, às suas atividades como estancieiro, que progrediu, e à política nas fileiras do Partido Liberal (ALMEIDA, 1969: 67).

Assim, podemos apontar indícios de inquietações, reflexões e pensamentos que retratam as experiências vividas no dia-a-dia por um estancieiro, militar, político, homem, amigo, marido e pai, ou seja, um agente social inserido no contexto meridional do País, no período da Guerra da Tríplice Aliança.

Esclarecemos que nossa análise desse documento é dirigida por duas estruturas: primeira, as datas e locais de escrita desse diário; segunda, as razões e os temas tratados por seu autor ao longo do

¹¹ Ver mais em Antonio Viñao, *Refugios del yo, refugios de otros*. In: Mignot, Ana Chrystina Venacio. **Refúgios do Eu**, 2000: 13

¹² “A receita da tia Joaquina para mandar ao primo Minguexo”.

¹³ Manuel Lucas de Oliveira organizou o 2º Corpo de Cavalaria de Voluntários da Pátria, composto por três companhias que foram enviadas do acampamento de Candiota até São Borja. O coronel serviu à guerra até 11 de junho de 1866 e recebeu a dispensa do serviço, no dia 2 de agosto, pela Ordem do Dia nº 84, assinado pelo Comandante-em-Chefe do Segundo Corpo do Exército Brasileiro, o Tenente-Coronel Barão de Porto Alegre.

¹⁴ Francisco do Rego Barros nasceu em 4 de fevereiro de 1802, na Província de Pernambuco, e morreu a 4 de fevereiro de 1870, na capital da mesma província.

diário, assim como sua relação com a correspondência produzida no mesmo período e citada no documento.

Para tanto, além do diário, coletamos a correspondência ativa e passiva do Coronel Manoel Lucas de Oliveira; seu inventário e de seus familiares; processos (libelos) de medição de terras; requerimentos oficiados à Guarda Nacional (durante sua permanência nela); ordens-do-dia e relatórios de Presidente de Província – pasta de Guerra, que, devidamente relacionados, nos auxiliam na compreensão e decodificação do universo interpretativo sobre o qual se configura o diário.

Os documentos referidos acima, inter-relacionados com os temas priorizados e tratados no diário pelo Coronel Manoel Lucas de Oliveira, nos revelam as interfaces sociais, políticas e econômicas do diarista e seu tempo.

Por intermédio de cuidadosa leitura de nosso objeto, podemos perceber que seu autor, no decorrer do ano de 1865, elegeu quatro temas principais de reflexão como diarista:

1º Cotidiano; 2º Guerra; 3º Família; 4º Relações pessoais

Dessa forma, para compreendermos esse universo simbólico presente no discurso do Coronel Manuel Lucas de Oliveira, precisamos adentrar os meandros de seu contexto e biografia, a fim de desvelarmos sua auto-representação, seus diálogos, propostas e críticas com e para a sociedade de seu tempo.

3. O DIARISTA

Manoel Lucas de Oliveira nasceu em uma estância¹⁵ localizada próximo ao arroio Candiota, onde cresceu, participou de conflitos armados e estabeleceu suas relações pessoais. Casou-se aos 28 anos, em 1832, com sua prima Inês Lucas de Oliveira, e faleceu em 1874, com 70 anos de idade.

Este rio-grandense ausentou-se de sua fazenda apenas para viver em Piratini, onde assumiu o cargo de Capitão da Guarda Nacional, posição que trazia prestígio social e político, já que os comandantes locais também dirigiam a política da região.

No ano de 1835, quando Lucas de Oliveira desenvolvia suas

¹⁵ Segundo Tau Golin (*O povo no pampa*. Passo Fundo: UPF, 2001), a estância era identificada como “propriedade privada, a sede era geralmente o seu núcleo. Esse complexo era formado pela casa principal, pela residência do capataz ou caseiro, pela senzala e pelo galpão”.

funções na Guarda Nacional, iniciou-se a Guerra dos Farrapos¹⁶. Oliveira apoiou os revoltosos farroupilhas, naquela localidade, acompanhando seu amigo, o General Antônio de Souza Neto, contra as forças militares imperiais.

Então, Lucas de Oliveira passou a assumir importantes competências no período da Revolução. Em 1842, foi eleito Deputado à Assembléia Constituinte, reunida em Alegrete; posteriormente foi nomeado Ministro da Guerra e da Marinha e participou dos entendimentos para a pacificação, em 1845.

O envolvimento na Revolução Farroupilha lhe trouxe vantagens à carreira militar e política. Em 1847 foi nomeado coronel e comandante da Guarda Nacional dos municípios de Piratini e Bagé. Assim, enquanto oficial superior e estancieiro, tomava parte da elite econômica e política do Rio Grande do Sul.

Durante os anos de 1851 a 1852, Lucas de Oliveira participou da Guerra Platina contra Oribe e Rosas, comandando uma brigada de reserva, sob o comando de seu amigo David Canabarro, sob as ordens de Caxias, enquanto Presidente de Província do Rio Grande do Sul.

De acordo com o acima exposto, podemos inferir que o interesse em organizar dois Corpos de Voluntários para participar da Guerra do Paraguai, e convidar seus amigos e parentes a fazer parte desses Corpos, tinha a ver também com a possibilidade de adquirir vantagens políticas e militares para ele mesmo e para seus “afilhados”. As promoções no Exército Imperial eram irregulares e arbitrárias, sendo difícil e demorada a ascensão na carreira militar. Nessa perspectiva, o Coronel via no conflito internacional uma possibilidade de obter promoção ao generalato e oportunidade de galgar significativos cargos políticos.

Manoel Lucas, em sua vida particular revelada no diário, demonstrava ser um homem dedicado e preocupado com o bem-estar da sua família. Era amoroso com sua esposa, presente na vida de seus parentes (primos, sobrinhos, sobrinhas, tios), atento às suas relações de amizade e disposto a “ajudar” amigos e parentes, dispondo de sua influência para resolver problemas e anseios dos mesmos.

¹⁶ Conforme Moacyr Flores, em *História do Rio Grande do Sul*, a Revolução Farroupilha ocorreu porque os liberais, com maioria na Assembléia, ocupando cargos públicos e militares, queriam a igualdade política, através do sistema federativo. Os farroupios fundaram uma república separatista com uma nova bandeira, escudo de armas, hino nacional próprios, ou seja, um Estado Republicano com presidente, ministros, serviço de correios, exército, leis próprias e um projeto de constituição, tendo como capitais a vila de Piratini (10.11.1836-14.2.1839), Caçapava (14.2.1839-23.3.1840) e Alegrete até o término da guerra civil. Os fFarroupilhas consideravam os brasileiros como estrangeiros.

Como podemos observar no registro feito no dia 8 de junho de 1865, em que o Coronel escreveu para “Caxias” pedindo um emprego na pasta da Fazenda, no Rio de Janeiro, para seu sobrinho Tomás Brum da Silveira:

Hoje segue para esta Corte, o meu Sobrinho e Amigo Tomás Brum da Silveira, pessoa de reconhecido mérito, que vai solicitar do Governo de S.M. o Imperador, um emprego de Fazenda que lhe garanta um futuro na educação de seus filhos, e como é merecedor de utilizar os valiosos apúscios de V. Exa., me atrevo a recomendá-lo a V. Exa. Mesmo certo que não desmerecerá em tempo algum dos favores com que V. Exa. o honrar [...] (OLIVEIRA, 1865: 73).

De acordo com o registro acima, podemos ressaltar as relações de compadrio e clientelismo presentes no *habitus* de Manuel Lucas, que pesquisaremos mais profundamente a partir de levantamentos e cruzamentos de informações contidas em cartas, ofícios e demais documentos que possam esclarecer a importância de tais relações sociais e políticas na esfera privada e pública de sua vida.

Os laços de parentesco e amizade são correntes e importantes no diário, pois podemos observar que a localização espaço-territorial cruza-se com as relações sociais mantidas pelo Coronel. Ele normalmente cita seu trajeto, a partir de sua estância para outras localidades, através da indicação do proprietário ou morador das terras, como: “passei pelo Manduca; vim à velha Domingas, vim direto ao meu parente Hipólito José da Costa [...]”

A fim de entendermos o cotidiano desse sujeito social, verificaremos sua vida privada a partir dos costumes, do convívio no espaço reservado da casa da estância, do trato com a família, parentes, amigos, empregados e escravos.

Ao adentrar na vida pessoal de Manoel Lucas a partir de seu diário, nos deparamos rapidamente com a figura da sua amada-esposa, que já estava presente em sua vida havia trinta e três anos. Nesse sentido, torna-se importante entendermos o papel dessa mulher no dia-a-dia do diarista, tanto na vida familiar como econômica, já que o diarista em muitos momentos descreve seus passeios com Inês pela caleira¹⁷, ou fala sobre as mudas de árvores por ela plantadas, e até mesmo pelos negócios de venda de gados fechados por sua esposa.

Esse aspecto da mulher enquanto chefe de família é freqüentemente apontado pelo diarista, pois em muitos momentos ele se dirigia a um determinado território personalizando-o, enquanto

¹⁷ Forno em que se calcina o calcário para a fabricação da cal.

propriedade de uma determinada pessoa, como por exemplo, no dia 4 de maio de 1865, em que escreveu: “Marchei de manhã (...) Vim pousar em casa de Dona Maria Amália Rocha, senhora de Luís Barbosa, que muito bem me tratou”.

Destarte, é necessário ressaltarmos que a família paulista e a do sul do País contrariavam o modelo descrito por Gilberto Freyre na região de lavoura canavieira do Nordeste (SAMARA, apud ALMEIDA, 1987: 34). A família no sul do País muitas vezes era chefiada por mulheres que desenvolviam o papel fundamental de participação ativa na sociedade, ao gerir negócios e propriedades, e assumiam muitas vezes a chefia da estrutura familiar, com a ausência freqüente dos homens em períodos de guerra, naquela região de fronteira.

A escrita pessoal do diarista Coronel Manoel Lucas de Oliveira nos permite compreender seu circuito de sociabilidade, idéias, críticas, reflexões, e seu olhar interpretativo sobre o seu tempo. Esse diário representa a reflexão e construção imagética do microcosmos desse estancieiro, seus “lugares de sociabilidade” e de auto-representação, marcados pelo registro de suas práticas culturais. É um espaço que revela suas idéias, reconstitui sua identidade pessoal, profissional, devido ao caráter contínuo da escrita, pois, segundo Hébrad, “a articulação entre a prática, o gênero de escritura do diário pessoal e o suporte que o recebe se constitui em torno de uma exigência, a da continuidade textual” (HÉBRAD, 2000: 33).

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 2, n. 4, 2005.

BANDEIRA, L. Moniz. O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata - Argentina, Uruguai e Paraguai: da colonização à Guerra da Tríplice Aliança. São Paulo: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Hierarquias em classes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

CATELLI, Nora. *El espacio autobiográfico*. Barcelona: Lúmen, 1991.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo*, n. 17, Nov. 1998.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

LEJEUNE, Philippe. O guarda-memória. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

MACHADO, Maria Helena P. T. Um mitógrafo no Império: a construção dos mitos na história nacionalista do Império. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 63-80, 2000.

_____. *Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX*. Tese apresentada para o concurso de Livre-Docência. São Paulo, ago. 2005.

MAGALHAES, José Vieira de. *Diário íntimo*. Organizado por Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Helena Câmara; CUNHA, Maria Tereza Santos. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, Santa Maria, n. 34, p. 101-122, jul.-dez. 2000.

OLIVEIRA, Manuel Lucas de. *Diário*. 1865.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REBOUÇAS, André. *Diário: a Guerra do Paraguai (1866)*. Introdução e notas de Maria Odila Leite Dias. São Paulo: IEB, 1973.

SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências atuais da História da família no Brasil. In: *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; UFRJ, 1987.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 1-279, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias, historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

